buscar no site...

Feira de Santana, Sexta, 06 de Janeiro de 2017

André Pomponet

Divagações sobre a violência

André Pomponet - 15 de setembro de 2016 | 22h 23

46

Durante muito tempo exerci a função de repórter policial. Todos os dias visitava hospitais e delegacias, frequentava carceragens, cobria rebeliões no presídio, deslocava-me pela Feira de Santana levantando histórias interessantes que, no dia seguinte, eram reproduzidas pelos jornais feirenses onde tive a oportunidade de trabalhar. Conversei com dezenas de policiais, centenas de criminosos, incontáveis vítimas da violência urbana que desarranjava famílias e espalhava rastros de terror e dor.

À época, mal alcançara os 20 anos. Muito jovem, faltavam-se credenciais para entender as engrenagens que movem – e induzem – a violência e movimentava-me, em incontáveis coberturas e milhares de matérias e notas digitadas, às apalpadelas, enxergando o fenômeno como algo que, no longo prazo, poderia reduzir-se, quiçá desaparecer.

– A violência nunca vai desaparecer completamente. É um fenômeno social. O máximo que pode acontecer é diminuir bastante – explicou-me certa vez, bastante didático, um delegado às vésperas da aposentadoria.

A partir daí passei a valorizar mais as estatísticas que, frequentemente, eram divulgadas pela Polícia Civil. À época, no curto prazo, os indicadores descreviam tendências erráticas, mas que tendiam à elevação no longo prazo. Naquele momento, no entanto, era difícil enxergar essa tendência. Menos ainda interpretá-la, atribuir-lhe algum sentido.

Afastado do dia-a-dia da cobertura policial, continuo seguindo o noticiário, acompanhando com atenção as reportagens sobre os crimes, analisando dados estatísticos em numerosos textos desde os primeiros anos deste século XXI. A primeira – e imediata – constatação é que a quantidade de assassinatos cresceu numa espiral alarmante. Na Bahia, em vinte anos, mais que dobrou.

Espantosamente, faltam explicações consistentes para o fenômeno. O tráfico de drogas – particularmente a epidemia de crack que assola o Nordeste – figura no topo das listas de explicações. As evidências, no entanto, até aqui, são pobres. Quem mata quem? É hábito se atribuir a elevação dos crimes aos acertos de contas do submundo. E para-se por aí. Ninguém enxerga nenhum esforço para mapear a rede do extermínio, determinar seus elementos, traçar estratégias que permitam combatê-la.

A explicação para o desdém é chocante, mas cristalina: morrem sempre negros ou pardos, jovens, moradores da periferia ou dos bolsões de pobreza, desempregados, com baixo grau de instrução; muitos flertam ou já tem carreira consolidada no crime. À exceção das mães desses infelizes, ninguém se importa com eles.

CHARGE DA SEMANA

COLUNISTAS

César Oliveira

Fracasso da política de às drogas, uma pinóia.

Cidade para pessoas- s nas calçadas de Feira

Glauco Wanderley

Com menos de 1% dos prefeito, Ângelo ressus deputado estadual

Zé Neto insiste na tese diz que o que é ruim pa ruim para o Brasil

André Pomponet

Crise extinguiu 12,4 mil trabalho até novembro

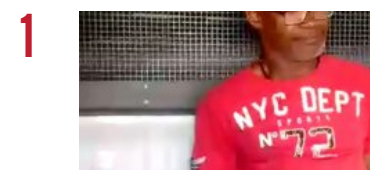
Violência cresce no alv 2017

Valdomiro Silva

Goleada em Kiev reforç importância do vídeo n

O teste do auxílio das i Mundial de Clubes

AS MAIS LIDAS HOJE

1

Se homossexualismo pode, incesto tan argumenta autor de chacina

2 PM prende homem que pôs fogo na mu filhos e matou cinco

Na excludente e desigual sociedade brasileira, falta lugar para essa gente. Que fazer com milhares de jovens cujas expectativas de consumo são continuamente frustradas pela pobreza e pelo desemprego? Alguns optam pelo caminho da aceitação: acomodam-se em ocupações modestas e precárias, aguardando melhores dias no futuro incerto; outros se revoltam, enveredam pela marginalidade e, lá adiante, são tragados pela implacável torrente da violência.

Questões do gênero não figuram na pauta do jornalismo, sobretudo o digital. Orientada pela lógica do lucro e pelos apelos do sensacionalismo, a imprensa documenta a violência com notas curtas que vão pouco além do nome, da idade da vítima, do local aonde o cadáver foi encontrado. No máximo, associam o infeliz à criminalidade, ao acerto de contas entre bandidos, sobretudo quando é negro.

As imagens, no entanto, costumam ser fartas: a vítima é retratada sob vários ângulos, muitos deles suficientemente próximos para evidenciar as marcas da violência, a poça de sangue coagulado. Quase sempre tratam-se de jovens negros, conforme aludimos; normalmente, o corpo está estendido numa viela da periferia, dentro de uma residência pobre, num matagal ou numa estrada pouco frequentada, escolhida como ponto de desova.

Noutros tempos, as vítimas tornavam-se sujeitos de uma história no noticiário, de uma trajetória de vida normalmente modesta, que esgotava-se ali, numa poça de sangue. Mas isso foi noutros tempos: hoje ninguém perde tempo com esses infelizes, mesmo nos casos de crimes bárbaros, chacinas ou atrocidades semelhantes.

A notícia só ganha musculatura quando quem padece é branco, possui trajetória ordeira e torna-se vítima de um assalto. Aí o tom do noticiário repisa duas teclas: a violência que assombra a classe média, assustada detrás de muros e grades, sem liberdade; e a necessidade de uma legislação mais dura, que puna os criminosos com mais rigor, dada a desfaçatez da bandidagem; nessas ocasiões, os rogos pela pena de morte se avolumam.

Quando jovem, nas apurações nas delegacias e nos bairros periféricos, indagava-me quando a violência começaria a declinar, reduzindo a torrente de sofrimentos. Passadas quase duas décadas, assusta-me sua elevação, o número crescente de mortes; e, mais que a elevação, assombra-me a naturalidade com que o fenômeno é encarado: ninguém se importa com os bandidos, é óbvio; mas todos aceitam, com naturalidade, as restrições à própria liberdade que a violência impõe.

Há quem advogue mais educação e mais saúde para os infelizes moradores da periferia como um primeiro passo para apaziguar a sociedade; trabalho e renda também figuram como imperativos nesse processo de resgate social; esses figuram numa minoria que defende, de maneira renitente, a preservação dos Direitos Humanos como sustentáculo dos direitos individuais, da democracia e da própria sociedade.

Outros enxergam a repressão como antídoto mais adequado: mais polícia, mais bala e mais cadeia; esses ignoram que este é, justamente, o remédio adotado ao longo de quase cinco décadas no Brasil. Os resultados são amplamente desastrosos, como se vê, com dezenas de milhares de homicídios todos os anos e a emergência de poderosas organizações criminosas que se espalham pelo país inteiro.

Como observador, sem ambições acadêmicas, chego a conclusões desoladoras. Há quase duas décadas morriam jovens negros nas periferias, em muitos casos com algum nível de envolvimento com o submundo; eram os infelizes retratados nas reportagens policiais da época; hoje, seguem morrendo os mesmos jovens negros da periferia, talvez filhos, sobrinhos ou irmãos mais jovens daqueles desgraçados que tombavam há quase 20 anos.

Nada mudou, portanto. Estatisticamente, inclusive, o quadro se tornou ainda pior. Os discursos seguem os mesmos, apesar da alternância política, da emergência de uma nova geração de governantes, do afastamento de muitos que contribuíam para construir aquele cenário de exclusão e violência. Mais saúde, mais educação e mais

3 Concurso: Prefeitura alerta sobre notíc site
4 Laboratório de Entomologia vai intensif em 2017
5 Bahia foi o sexto estado com menos m violentas em presídios durante 2016

oportunidades pairam, onipresentes, nos palanques e nas caminhadas dos períodos eleitorais.

Fala-se com muita frequência, nos ambientes políticos, na necessidade de construção de pactos. Focam-se temas como a educação, a competitividade econômica, o meio ambiente, o sistema político e por aí vai. Com relação à segurança pública e à violência, há menos ênfase. Pior: aborda-se a questão sob a ótica mais reacionária, com mais polícia, mais repressão, mais prisões, mais mortes, inclusive com a adoção formal da pena de morte, já que os incontáveis tribunais informais em funcionamento a adotam como única sanção.

O novíssimo governo em andamento vai mais além: pretende adicionar pitadas de liberalismo caipira à repressão, privatizando a gestão de presídios. Isso quando os próprios norte-americanos – os pioneiros na iniciativa – estão desistindo da ideia, conforme foi amplamente noticiado pela imprensa há uns poucos dias. Aqui, porém, persegue-se a contramão da História com ânsia suicida.

O diabo é quem sabe no que vai dar tudo isso. Coisa boa, pelo visto, é que não é.

LEIA TAMBÉM

André Pomponet

Crise extinguiu 12,4 mil postos de trabalho até novembro

Violência cresce no alvorecer de 2017

Carro do ovo é o retrato da crise econômica

INÍCIO O TRIBUNA ANUNCIE AQUI EDIÇÃO IMPRESSA VOCÊ NO TRIBUNA FALE CONOSCO

55 75 99801 5659
falecom@tribunafeirense.com.br

75 3225 7500
Rua Quintino Bocaiúva, 701, Ponto Central, Feira de Santana-BA

/Jornal Tribuna Feirense
@tribunafeirense